



WASILEWSKI. Luís Francisco. **Estudo de Ladies na Madrugada, Peça de Mauro Rasi**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Universidade de São Paulo; Doutorando em Literatura Brasileira; João Roberto Faria.

### RESUMO

A comunicação estuda a peça do dramaturgo Mauro Rasi, intitulada *Ladies na Madrugada*. Escrita no ano de 1974, a peça é uma comédia cuja ação se passa em um transatlântico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro Brasileiro: Ladies na Madrugada: Mauro Rasi:

### ABSTRACT

This Communication studies a dramaturgical piece of Mauro Rasi, which is entitled *Ladies na Madrugada*, Write in the year of 1974. This piece is a comedy that occurs into a transatlantic ship.

**KEYWORDS:** Brazilian Theater: Ladies na Madrugada: Mauro Rasi:

*Ladies na Madrugada* estreou em São Paulo, em 1974, no Teatro Treze de Maio, espaço que no ano anterior havia abrigado com grande êxito o primeiro espetáculo do grupo Dzi Croquettes. Algumas características estéticas que estavam presentes na montagem do Dzi Croquettes apareceram na peça de Mauro, sendo a mais notável, o travestimento masculino.

A versão final do texto de *Ladies* era de Mauro Rasi. A produção levava a assinatura de Ney Matogrosso, que naquele momento já era um nome popular com o sucesso do grupo musical Secos & Molhados. O enredo da peça se passava em um navio chamado S.S. Mussolini. Ele transportava a cantora **Carmen Miranda**, papel que era desempenhado por Duse Nacaratti. Iam juntos no navio **Dana de Teffé** (a milionária tcheca assassinada misteriosamente no ano de 1959, cujo corpo nunca foi encontrado), personagem de Rubens Araújo, a cantora argentina **Libertad Lamarque** e sua criada (papel de Patricio Bisso). O elenco tinha, ainda, Vicente Pereira (interpretando um **sheik**), Luiz Carlos Góes, Lenah Ferreira e Davi Pinheiro, que representava o capitão do navio. Em cena, também estava Mauro tocando piano.

Sobre a entrada de Patricio Bisso, que em 1974 era um adolescente recém chegado da Argentina, no elenco, há duas versões que me foram relatadas em entrevistas. Luiz Carlos Góes contou que Patricio começou a assistir os ensaios da produção. Como todo o elenco vivia sob a égide da paranóia do regime militar brasileiro, que atacava com fúria o nosso teatro, eles chegaram a pensar que Patricio era um agente do DOPS infiltrado nos ensaios. No entanto, em um ensaio seguinte ele apareceu travestido como uma estrela de Hollywood da década de 1950. E, então, automaticamente foi incorporado ao elenco da encenação. Já Rubens Araújo me disse que “Patricio começou a assistir os ensaios levado por Marco Antonio de Lacerda, jornalista importante naquela época na imprensa paulistana”.

Rubens lembra que, para pagar o anúncio de *Ladies* no *Jornal da Tarde*, ele ia com a roupa de Dana de Teffé, acompanhado de Bisso, também travestido, e faziam um show em uma boate gay na Rua Augusta. Para tanto, utilizavam fragmentos do texto de *Síndica, qual é a tua?*, de Luiz Carlos Góes, texto do autor cuja montagem aconteceu no Rio de Janeiro, em 1976, sob direção de Antonio Pedro e tendo no elenco Marília Pêra e Jacqueline Laurence.

Voltando a tratar da encenação de *Ladies na Madrugada*, é notório que o texto tinha uma grande influência das chanchadas da Atlântida. A ideia de um navio que transportava uma cantora já havia sido trabalhada no filme *De vento em popa*, rodado no ano de 1957, com direção de Carlos Manga. E todos os autores do Besteirol sempre assumiram a importância que as chan-

chadas cinematográficas tiveram em sua formação estética. Outra chanchada, cuja ação se passava em um transatlântico, foi *Aviso aos Navegantes*, de Watson Macedo. Na biografia *Oscarito: o riso e o siso*, Flávio Marinho (2007, p. 236) comenta que essa predileção das chanchadas pelo cenário de um transatlântico era uma herança assimilada das comédias americanas.

Uma das primeiras matérias de divulgação da montagem corrobora a proximidade do texto de Mauro com as chanchadas cinematográficas. Trata-se da matéria intitulada Uma chanchada, mas muito nostálgica do *Jornal O Estado de S. Paulo*, do dia 25 de Julho de 1974, onde o dramaturgo fala da proximidade da sua peça com o popular gênero cinematográfico:

Um transatlântico parado nas Caraíbas, por falta de combustível, é o cenário de *Ladies na Madrugada*, peça de Mauro Rasi, que tem estreia anunciada para o dia 1º de agosto, no Teatro 13 de Maio, sob a direção do autor e no desempenho de Duse Naccarati, Rubens de Araújo, Luiz Carlos Góes, Lenah Ferreira, Davi Pinheiro e Vicente Pereira. A produção é de Ney Matogrosso, do grupo Secos e Molhados.

O espetáculo tem a duração de duas horas de viagem, a qual é comandada por um capitão transtornado pelo chamado das águas. As situações se sucedem, trazendo sempre uma surpresa para o espectador. Mauro Rasi classifica o seu espetáculo como um musical-chanchada, ambientado na nostálgica década de quarenta.

A sequência da montagem, colocada de acordo com o realismo fantástico do texto, leva o público a questionar-se sobre os acontecimentos em cena, como, por exemplo: o que moveria as 'ladies na madrugada' em tão tardia hora? Quem é aquela morena do abacaxi esgueirando-se furtiva e tropegamente pelo tombadilho? Estaria bêbada ou doente?

A encenação de *Ladies*, na São Paulo de 1974, bem como a montagem de outros espetáculos de autores brasileiros e estrangeiros que traziam o tema do homossexualismo para a cena, provoca uma reação crítica de Sábado Magaldi, comentando que o homossexualismo passou a se tornar o assunto mais abordado nos espetáculos em cartaz em São Paulo. O crítico escreveu um artigo intitulado Nossa pobre androginia para o *Jornal da Tarde* de 6 de Setembro de 1974:

A única preocupação e o único problema do país é o homossexualismo (...) *Ladies na Madrugada*, dirigida por Mauro Rasi, na esteira dos *Dzi Croquettes*, traz implícita a mesma questão; *Greta Garbo, quem diria acabou no Irajá*, de Fernando Melo, tem como protagonista um homossexual que gostaria de identificar-se com o mito cinematográfico; *O que você vai ser quando crescer?*, dirigida por Silnei Siqueira, satiriza e ao mesmo tempo assume o problema ao ligá-lo à imagem popular da gente de teatro; *Oh! Gabriel, Gabriel* a certa altura põe o protagonista em travesti; *Orquestra de Senhoritas*, de Jean Anouilh e dirigida por Luís Sérgio Person, será interpretada por homens; e tanto *Lulu*, de Frank Wedekind dirigida por Ademar Guerra, quanto a encenação *De Entre quatro paredes*, de Jean Paul Sartre, apresentam homossexuais entre as personagens.

A montagem de *Ladies* começou sendo um grande fracasso de público. Foi então que o grupo chamou Amir Haddad, que se encontrava em São Paulo, para montar o já citado *Síndica, qual é a tua?*, que seria encenado por Ruth Escobar, para rever alguns aspectos do espetáculo. Em entrevista dada para a revista *Interview*, nº 178, p. 78, de outubro de 1994, sob o título de Novela, jamais!, Mauro Rasi lembra dessa mudança de direção ocorrida em *Ladies* e da admiração que sentia pelo trabalho de Haddad:

Quando montei *Ladies na Madrugada*, que foi um grande fracasso, a gente pediu ao Amir para dirigir o texto, antes dirigido por mim. Eu bebia suas palavras e até hoje, como diretor de teatro, aplico tudo aquilo que aprendi com ele. Amir foi meu grande professor.

E é o próprio Amir que em um depoimento a mim concedido no dia 04 de novembro de 2007, que fala da importância do teatro de Mauro, Vicente Pereira e Luiz Carlos Góes. Comenta o diretor:

Penso que o Besteiro (eu não gosto desse nome) foi a salvação da dramaturgia brasileira nos anos 80. Acho que a dramaturgia do Vicente, do Góes, até hoje não recebeu a devida leitura e encenações que ressaltassem o valor desse teatro. É um teatro que tem um olhar ferino sobre a sociedade.

## **REFERÊNCIAS:**

Entrevista com Amir Haddad, realizada no dia 04 de novembro de 2007.

MAGALDI, Sábato. Nossa pobre androginia. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 6 de Setembro de 1974.

MARINHO, Flávio; *Oscarito o riso e o siso*, São Paulo: Record, 2007, p. 236.

Uma Chanchada, mas muito nostálgica. *Jornal O Estado de S. Paulo*. 25 de Julho de 1974, São Paulo.

PRIAMI, Elda. Novela, jamais! Entrevista de Mauro Rasi. *Interview*, São Paulo, nº 178, p. 78, outubro de 1994.